

UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE ARTES – IdA
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS – VIS

MIRLANDIA ALVES FONTENELE

ARTE PRIMITIVA: A PRÉ-HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

TARAUACÁ
2013

MIRLANDIA ALVES FONTENELE

ARTE PRIMITIVA: A PRÉ-HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Trabalho de conclusão do curso de Artes Visuais, habilitação em Licenciatura, pela modalidade Universidade Aberta do Brasil do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Cinara Barbosa de Sousa.

Co-orientador: José Alves Maia Teixeira Neto.

TARAUACA
2013

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de conclusão de curso aos meus filhos que são meus maiores bens, pois, a cada esforço foi pensando em dar uma vida melhor a cada um. Vitor, Vinicius e Alfredo Júnior obrigado por terem me fortalecido nos momentos que fraquejei e que isso sirva de exemplo a cada um de vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pois, foi Ele quem me deu a graça de viver e me guia diariamente nesta caminhada difícil que é a vida. Aos meus pais que sempre me apoiaram nos estudos e em todas minhas conquistas, em especial na minha profissão de educadora, ser licenciada em Artes Visuais é um privilégio para poucos e foi com muita garra e fé que hoje estou aqui desfrutando desta alegria. Agradeço também de uma forma especial aos meus professores e tutores ao longo desta caminhada, visto que mesmo as longas distâncias fizeram parte da minha vida acadêmica e me ensinaram, presenteando-me com suas experiências, dando motivação a cada um dos acadêmicos transparecendo confiança e disposição para nos atendermos quando precisávamos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. RELATOS DA PRÉ-HISTÓRIA	8
1.1 Pré-História do Brasil.....	11
1.2 As Descobertas.....	13
1.3 O Sítio Arqueológico de São Raimundo Nonato.....	14
1.4 Pequenos Relatos do Trabalho de Niéde Guidon.....	16
1.5 A Pintura Rupestre Brasileira.....	18
2. PROJETO DE APLICAÇÃO	19
3. ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS APLICADAS NA SALA DE AULA	22
3.1 Relação da aplicação com a proposta triangular.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28
ANEXOS	30
PLANO DE AULA	30

LISTA DE IMAGENS

Figura 01: Caverna de Altamira Bizonte.....	09
Figura 02: Caverna de Lascaux.....	10
Figura 03: Problematização.....	22
Figura 04: Material de apoio.....	23
Figura 05: Maria Aldilene	23
Figura 06: Maria Celine.....	23
Figura 07: Rocinei.....	23
Figura 08: Adriana.....	24
Figura 09: Maria de Jesus.....	24
Figura 10: Diana.....	24
Figura 11: José Ivo.....	24
Figura 12: Alunos.....	24

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como enfoque a pintura rupestre no ensino das Artes Visuais no ensino fundamental II. Os primeiros episódios da pré-história estão registrados nas paredes das cavernas, aonde se abrigavam dos perigos que corriam. Na realização destes apontamentos usavam pedras, ossos e sangue de animais e carvão para representar as situações de seu cotidiano. Foram estes registros que permitiram aos pesquisadores das ciências de paleontologia e arqueologia conhecimento sobre como viviam estas pessoas.

Partindo da premissa que as obras de arte podem ser consideradas como fontes históricas, pois testemunham acerca de um determinado período da humanidade, procura-se neste trabalho elucidar de que maneira as pinturas rupestre podem ser trabalhadas dentro do contexto educacional. Levando os educandos a compreender que a arte sempre esteve presente em todos os períodos da humanidade que o conhecimento da arte rupestre permite compreender o modo de vida dos primeiros grupos humano, bem como assimilando que as manifestações artísticas e as suas técnicas de produção variam de acordo com o texto histórico e cultural.

Para a realização do presente trabalho foram realizadas algumas pesquisas em fontes que abordam registros, descrição e investigação que compreende este período, pelo qual a humanidade passou como Wendy Beckett, História da Pintura. São Paulo. Ártica 1997. Manuela Carneiro Cunha. História dos Índios no Brasil. Campanha de Letras Secretaria Municipal de Cultura, 1992. E.H. Gombrich, A História da Arte. LTC. Rio de Janeiro, 1999. Estes autores relatam alguns aspectos culturais, políticos, econômicos e sociais de nossos ancestrais.

Desta forma, a arte é uma fonte histórica riquíssima, contudo ainda pouco explorada dentro do contexto escolar. Reconhecendo então, a possibilidade de explorar as artes rupestres no processo de ensino aprendizagem propus-me a realizar um trabalho de pesquisa com a referida temática. Assim, levei em consideração as informações que podem adquiridas sobre arte na pré-história e sua aplicação dentro de sala de aula.

Para a realização deste foi cabível embasa-se cientificamente em pesquisas que tornasse como suporte teórico nas referências bibliográficas como autores que apontam registros descritivos e visual de pinturas rupestre que hoje fazem parte de nosso patrimônio. Entre estes autores estão E. H. Gombrich, Wendy Beckett, Dúlio Battiston Filho, Niéde Guidon os mesmo falam sobre o referido tema e Ana Mae Barbosa onde a mesma fala das Propostas Triangulares.

Entretanto, o presente trabalho propõe uma análise interpretativa da arte rupestre, a escolha da escola deu-se pela curiosidade, pois se trata de uma escola considerada para bem conceituada tratando-se de ensino, a realização do projeto foi na Escola de Ensino Fundamental Plácido de Castro com alunos na faixa etária entre 14 e 16 anos. A escolha deste tema se justifica pelo fato de ser a pré-história um período fascinante da humanidade, pois foi marcada por grandes descobertas como o fogo, a agricultura, do desenvolvimento da linguagem oral e escrita como também das primeiras manifestações artísticas, que provam que a arte é um elemento inerente à existência humana.

O presente trabalho tem como objetivo mostrar a importância que o ensino artístico tem na educação taraucaense através da leitura da imagem onde envolva os educandos a praticidade do fazer artístico dinamizado entre o ler, o fazer e a contextualizar o assunto abordado através da arte.

Por tanto o referido trabalho aborda em seu primeiro capítulo pequeno relatos a respeito da pré-história onde o homem deu início a descobertas que facilitaria a sua sobrevivência como ferramentas que garantisse melhores caçadas.

No segundo tópico fala a respeito da pré-história brasileira e alguns de seus sítios como Meio e a Toca do Caldeirão dos Rodrigues onde no mesmo foram encontrados alguns vestígios como carvão produzido por grupos humanos que ali abitaram.

No tópico 1.2 fala a respeito das descobertas das primeiras descobertas arqueológicas no Brasil feitas por viajantes, logo depois da chegada dos portugueses em nosso país.

No se refere ao Sítio Arqueológico de São Raimundo Nonato o tópico 1.2 fala um pouco de alguns vestígios pré-históricos que possibilitaram conclusões seguras a respeito de nossos ancestrais que habitaram a região do Piauí.

No quarto tópico aborda pequenos relatos do trabalho de Niéde Guindon onde a mesma tem uma grande importância do que diz respeito à pintura rupestre brasileira.

No quinto tópico fala a respeito da pintura rupestre brasileira onde é possível identificar através dos desenhos pré-históricos alguns aspectos de seu cotidiano onde eram cercados por animais e plantas.

No sexto tópico fala a respeito do projeto de aplicação em sala de aula, onde foi baseado na proposta triangular de Ana Mae Barbosa onde é voltada para uma educação onde o aluno pode construir seu próprio conhecimento através de descobertas com ajuda do professor como mediador.

O sétimo tópico vem abordando as estratégias pedagógicas que foram aplicadas dentro de sala de aula, onde foi realizado na Escola de Ensino Fundamental Plácido de Castro. A aplicação do projeto possibilitou os alunos a conhecerem um pouco de nossos ancestrais, de uma maneira onde foi possível perceber o empenho e a dedicação quando é aplicada a Proposta Triangular fazendo do uso do ler, do fazer e contextualizar.

1. RELATOS DA PRÉ-HISTÓRIA

De maneira geral o homem passou por um processo evolutivo, dividido em períodos como a Pré-história, Antiguidade, Idade Moderna e Idade Contemporânea. A seguir serão abordadas as primeiras pinturas rupestres.

Aos poucos, porém, os rudimentares apetrechos de osso e de ferro encontrados nessas regiões tornaram cada vez mais certos que essas imagens de bisões, mamutes ou renas tinham sido gravadas ou pintadas por homens que caçavam estes animais e, portanto, os conheciam bem. Assim, a explicação mais provável para essas pinturas rupestres ainda é a de que se trata das mais antigas relíquias da crença universal no poder produzido pelas imagens: dito em outras palavras, parece que estes caçadores primitivos imaginavam que, se fizessem uma imagem de sua presa – e até a espicaçassem com lanças e machados de pedra – os animais verdadeiros também sucumbiriam ao seu poder. (GOMBRICH 1999, p. 42)

Diante do exposto o ser humano foi evoluindo por meio de novos métodos que facilitaria sua vida, chegando ao aperfeiçoamento de instrumentos que originariam melhores caçadas de animais de grande porte de maneira que

garantisse sua sobrevivência. Significa que foi neste período iniciam-se os aparecimentos artísticos dentro de cavernas as quais serviam de moradia.

O homem aplicava as tintas com as mãos, espátulas, bastonetes ou pincéis rudimentares, quando não empregavam a técnica de pistolar, isto é, enchiam a boca de tinta e sopravam por um canudo de madeira ou osso. Numerosas silhuetas de mãos encontradas nas cavernas, possivelmente símbolos de posse, foram feitos com esse processo. As tintas eram conseguidas com materiais minerais, argilas coloridas, triturando-as e dissolvendo-as em água, gordura de animal e vegetal e excrementos de aves. A cor negra era obtida queimando ossos de animais. (FILHO, 1989, p. 42).

Este período é o mais antigo que já se tem registrado, o Paleolítico estendeu-se de 50 mil a 18 a. C., para fazer os registros nas cavernas nossos ancestrais utilizavam as ferramentas que haviam aperfeiçoado ao longo de sua evolução, dentre estas ferramentas pode-se destacar o carvão, as pedras e também o sangue de animais.

“Os artistas do paleolítico eram figurativos, ou seja, reproduziam as imagens a partir do que eles visualizavam no seu cotidiano especificamente a sua caça, não deformava nem estilizava, nas representações de animais, percebe-se a lei da frontalidade, onde os mesmos são vistos de perfil”.(FILHO, 1989).

As pinturas das paredes das cavernas de Altamira foram às primeiras descobertas dos tempos modernos. As cavernas ficam próximas a Santander na Espanha, as descobertas tinham tantas e tamanhas implicações para a arqueologia, que de início foi dado como fraude. Há no teto da caverna uma manada de bisões, e nela os bichos se imbricam – cavalos, javalis, mamutes e outras criaturas, as caças desejadas pelo homem da Idade da Pedra. (BECKETT 1994, p. 10).

Filho diz que as descobertas mais sensacionais da pintura rupestre são as cavernas de Altamira na Espanha em 1880, e a de Lascaux em 1940. (FILHO, 1989, p. 18).

O domínio da técnica de alguns artífices tribais é deveras surpreendente. Não subtende que os artistas não possuíam mais que um conhecimento primitivo do seu mister. Pelo contrário: muitas tribos remotas desenvolvem uma arte realmente assombrosa, em obras de talha e cestaria, na preparação do couro ou mesmo no trabalho com metais. (GOMBRICH 1994, p. 44)

No que diz respeito a essa época o homem já utilizava pedaços de pedra, madeira e ossos de animais como ferramentas em seu dia a dia.

Os esboços eram talhados nas rochas maciças, ou então finas linhas de tinta eram sopradas na parede com caniço oco. Para fazer a tinta colorida

os artistas usavam o ocre, um mineral que podia produzir um pigmento vermelho, marrom e amarelo. O preto talvez consistisse em pó de carvão vegetal. Todos esses pigmentos eram esfregados na parede com as mãos. (BECKETT 1999, p. 11).



Figura 01: Caverna de Altamira Bizonte.

Fonte: <http://historiacidade.blogspot.com.br/2012/08/pintura-rupestre.html>

Na caverna de Lascaux há uma pintura de um homem, que se assemelha a um graveto, jaz diante de um bisão eriçado e extirpado. Abaixo do homem, há uma figura que parece ser uma ave ou, possivelmente um totem ou estandarte que trás a figura de uma ave que é uma pintura de poder espantos, somos forçados e reconhecer desconhecemos seu significado, mas essa ignorância não afeta nossa reação – pelo contrário, só a intensifica. O naturalismo com que os bichos eram desenhados e pintados não se aplicava aos retratos de humanos. Raramente se representavam pessoas, mas, quando isso acontece, trata-se de uma forma humana mais tosca e básica ou, maior frequência, de formas simbólicas. (BECKETT 1999, p. 11)



Figura 02: Caverna de Lascaux

Fonte: <http://historiacidade.blogspot.com.br/2012/08/pintura-rupestre.html>

Beckett relata as descobertas em Lascaux, na Dordonha na França, são tão importantes quanto às de Altamira na Espanha, sendo Lascaux um dos sítios arqueológicos mais celebrados mundialmente. Diante do exposto, as referidas cavernas situam-se no subsolo, que as tornam escuras, pesquisas arqueológicas

apontam que esses artistas pintavam com ajuda de pequenas lâmpadas de pedra recobertas de gordura animal. (BECKETT 1999, p. 11).

Desta forma, pode-se concluir que a produção artística da pré-história é um grande legado cultural para as sociedades modernas, sendo que através destes registros é possível conhecer o modo de vida dos primeiros grupos humanos.

1.1 Pré – História no Brasil

No que se refere à povoação das terras brasileiras, mesmo nos dias atuais com os grandes avanços das pesquisas arqueológicas não é possível fornecer um quadro sintético a respeito da pré-história brasileira, contudo, muitos historiadores e pesquisadores acreditam que o homem tenha chegado ao continente americano por volta de 12 mil anos atrás. As teorias mais recorrentes admitem que o homem atravessou o estreito de Bering durante a Era Glacial.

Admite-se que os índios brasileiros chegados ao nordeste são os descendentes de levas arcaicas, que atravessaram o estreito de Bering alguns milhares de anos antes. Mesmo que, periodicamente, levante-se a conjectura da existência de outras vias de acesso, que poderiam ter dado lugar à chegada à América de por percolação, seja considerados contemporâneos das datações obtidas dos carvões das fogueiras e associados erradamente a elas. A partir de ossos, pelo contrário, qualquer datação obtida é inquestionável e independentemente do seu universo cultural, é possível situar um indivíduo no seu tempo. (MARTIN 2008, p. 66).

Diante do exposto existe uma pertinência no que o autor Cunha relata a respeito dos vestígios encontrados nos sítios de Toca do Sitio do Meio e a Toca do Caldeirão dos Rodrigues fornecem indícios sobre a presença humana nestas localidades por volta de 32 mil anos atrás. Os carvões recolhidos em fogões descobertos nestes locais dão uma ideia que os grupos que ali habitaram aplicavam pigmentos sobre as paredes das cavernas que serviam de abrigo para os mesmos. Um bloco encontrado ao lado de um fogão datado de 17 mil anos mostra duas retas de pinturas vermelhas, sendo esta a primeira manifestação segura da prática da arte rupestre na área. (CUNHA, 1992).

Martin diz que cabe se perguntar que tipos humanos povoaram e se adaptaram à região semiárida do Nordeste brasileiro. Sobre os habitantes do litoral, que entraram em contato com os portugueses e franceses, existem muitos relatos e crônicas que os retratam com maior e menor aproximação, inclusive com grande quantidade de desenhos e gravuras como é um caso muito conhecido de Hans Staden, um jovem marinheiro que viveu entre os Tupinambás, na primeira metade do século XVI, deixando no seu relato *“Viagem ao Brasil”*, valiosa documentação gráfica dos usos, costumes e aspecto físico desses índios. Porém, geralmente, esses relatos carecem de valor científico em termos de antropologia física. Sobre outras regiões do Brasil existem estudos de populações humanas tais como o Homem de Lagoa Santa, que deu nome a toda uma raça Sul-americana, ou os estudos sobre o Homem do Sambaqui, bastante completos. (MARTIN 2008, p. 69)

Os brejos são lugares importantíssimos para o conhecimento da pré-história brasileira porque são lugares de atração e concentração de grupos humanos, onde as estratégias de sobrevivência do homem pré-histórico puderam se desenvolver. Neles ainda encontramos grupos indígenas remanescentes como os Pankararu de Pernambuco, aldeados no Brejo dos Padres, em Tacaratu, (PE), pelos missionários de São Felipe Neri. Também em Pernambuco, foi descoberta importante necrópole pré-histórica e foi também em regiões de brejo, no Rio Grande do Norte, onde foram achados numerosos sítios pré-históricos de caçadores, com pinturas e gravuras rupestres. (MARTIN 2008, p. 51)

Martin fala a respeito dos vestígios que caracterizam a pré-história brasileira onde são ricos e ilustrativos no estudo das necrópoles. Além dos aspectos puramente, puramente biológicos, eles fornecem numerosos dados relativos hierarquia, adornos e rituais fúnebres, resto de alimentos procedentes de banquetes fúnebres ou oferendas, que são informações de grande valor para se completar o estudo da antropologia física dos antigos habitantes do Brasil. (MARTIN, 2008, p. 68).

Assim, pode-se afirmar que a pré-história brasileira ainda guarda muitos vestígios que não foram encontrados por arqueólogos e pesquisadores, ainda que se tenham feito inúmeras descobertas acerca de nossos antepassados, através dos seus vestígios materiais, bem como seus registros em rochas e cavernas.

1.2 As Descobertas

Martin fala das primeiras informações que foram dadas por cronistas e missionários, mais nem sempre essas informações são cuidadosas na identificação do ritual de cada tribo ou grupo étnico.

Encontramos, em Anyone Costa o sincero defensor da arqueologia brasileira, tendo recebido o título de pai da mesma, por ter sido o primeiro a organizar, com critério científico, as coleções arqueológicas do Museu Nacional. A exposição antropológica de 1882, realizada no Rio de Janeiro, e que foi a primeira na América do Sul, justificaria o elogio. (MARTIN 2008, p. 30).

Diante do exposto, muitas chegaram aos dias de hoje por meio de relatos e de crenças dos primeiros viajantes que desbravavam terras brasileiras, e outros que vinham a ofício da igreja. Contudo, a partir de meados do século XIX foram organizadas diversas pesquisas em sítios arqueológicos.

As Perspectivas daquela época tratavam-se essencialmente de encontrar objetos que permitissem saber qual era o "patamar evolutivo" atingido pelos indígenas brasileiros em relação a uma escala estabelecida na Europa. Considerava-se que os nativos do Brasil eram muito primitivos, e que seus ancestrais seriam incapazes de elaborar as belas cerâmicas e esculturas de pedra encontradas em vários sítios. Desta forma, muitos atribuíam às cerâmicas Marajoaras a povos fenícios ou gregos – que teriam desembarcado aqui na Antiguidade-, e as esculturas dos sambaquis a uma influência das culturas andinas. (PROUS 2007, p. 10).

No dizer de Prous (2007) P. Lund foi o primeiro paleontólogo a encontrar em 1.843 ossadas humanas misturadas com as de animais encontradas nas cavernas de Lagoa Santa, em Minas Gerais. No final do século XIX foram realizadas diversas escavações nos sambaquis Catarinenses e também em sítios do Amapá.

No final dos anos de 1960, um projeto Nacional de Pesquisa Arqueológica (Pronapa), orientado por Betty Meggers e Clifford Evans, procurou montar um quadro preliminar da pré-história dos estados da fachada marítima, fazendo um percurso desde o Rio Grande do Sul até o Rio Grande do Norte, a partir de prospecções e sondagens rápidas. Os seguidores do Pronapa procuravam evidenciar, por meio da análise dos restos de cerâmicas pré-históricas caracterizados por uma cultura material. (PROUS 2007, p. 11).

No final dos anos 1980 ocorreu um aumento significativo de pesquisadores conectados a arqueologia. Com a criação da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), em 1980, houve uma abertura para novas influências, em particular a vinda da arqueologia anglo-saxônica, que pretendia alcançar resultados científicos dentro da arqueologia brasileira, contudo, atualmente compreende-se que é necessário

limitar interpretações subjetivas dos fatos científicos, a fim de atribuir objetividade à pesquisa.

1.3 Sítio Arqueológico de São Raimundo Nonato

Segundo Cunha (1992), o sítio arqueológico reúne inúmeros vestígios das populações pré-históricas que habitaram o local, localizado no sudeste do Piauí. Existem abundantes vestígios da presença humana em todo o país, mas na região Nordeste eles aparecem em maior número e são diversificados. Na área arqueológica de São Raimundo Nonato esses registros foram estudados em conjunto de mais de duzentos sítios, o que possibilitou a obtenção de conclusões seguras acerca dos primeiros grupos humanos, bem como os seus aspectos culturais, sendo que os mesmos ocuparam a região que atualmente corresponde à área arqueológica de São Raimundo Nonato acerca de 60 mil anos. (CUNHA, 1992).

Na área arqueológica de São Raimundo Nonato os sítios representativos de ocupações mais recentes do que 12 mil anos são numerosos, principalmente os que se alinham dentro de uma faixa cronológica da ordem de 12 mil – 7 mil. Isso demonstra o sucesso adaptativo das primeiras populações que chegaram à região, colonizaram-na, adaptando sua economia e vida social às condições ambientais locais e conseguiram explorar os ecossistemas criando um sistema de vida equilibrado e próspero. (CUNHA 1992, p. 42).

Assim, as intensas pesquisas realizadas na área arqueológica de São Raimundo Nonato do Piauí, possibilitaram as descobertas muito importantes acerca do modo de vida e da organização social dos primeiros grupos humanos que habitaram a região nordeste, os vestígios materiais neste local são muito abundantes e esta área foi palco de um dos achados mais importantes no que diz respeito a esqueletos pré-históricos.

A respeito dos esqueletos pré-históricos, a descoberta mais importante da região foi, sem dúvida, o esqueleto achado na Toca da Janela da Barra do Antônio, em São Raimundo Nonato (PI), escavado em 1990, por Niéde Guidon, tanto pelos resultados achados quanto pelas circunstâncias do achado. Possivelmente não se trata de um enterramento e sim do corpo de uma mulher que se encontrava deitada em posição refletida junto a uma fogueira, quando um bloco, de cerca de seis toneladas, desprendeu-se do teto do abrigo nas proximidades. (MARTIN 2008, p. 69).

Martin faz alguns relatos a respeito do crânio da mulher do sítio do Antônio, onde, foi descrito como possuidor de uma calota espessa e baixa, parietais

pequenos, face curta e grossa molar. Os dentes, com esmalte liso e branco sugerem alimentação sadia e ausência de doenças infantis descalcificantes; o desgaste rápido dos molares indica também alimentação dura e com mastigação demorada. Seis cáries apenas significam uma dentadura sadia para a idade de uma mulher de trinta anos e que teve vários partos. O diagnostico foi dado pela Dra. Peyre que qualificou textualmente o esqueleto do sítio do Antônio “como de uma mulher adulta, de 1,55m de estatura e crânio de características arcaicas”. (MARTIN 2008, p. 70)

Apoio aos integrantes das sucessivas missões arqueológicas induziu Niéde Guidon, apoiada por diversas instituições, e criar, em 1986, a Fundação do Museu do Homem Americano, com sede em São Raimundo Nonato, e iniciar a construção de um museu, sob o patrocínio da UNESCO e dos Ministérios da Educação e da Cultura, para abrigar e expor as coleções arqueológicas e estabelecer laboratórios de pesquisa. A FUDHAM assinou convênios com várias universidades do Brasil (USP, UNICAMP, UNESP, UFPE, UFPI), facilitando pesquisa de docentes e discentes da área arqueológica de São Raimundo Nonato, onde recebem treinamento teórico e prático. Hoje, teses e dissertações em diversas áreas do conhecimento são consequências de convênios firmados com a FUDHAM. (MARTIN, 2008 p. 44).

A Fundação do Museu do Homem Americano, com sede em São Raimundo Nonato, e iniciar a construção de um museu, sob, o patrocínio da UNESCO e dos Ministérios da Educação e da Cultura para abrigar e expor as coleções arqueológicas e estabelecer laboratórios de pesquisas. A FDHAM assinou convênios com varias universidades do Brasil (USP, UNICAMP, UNESP, UFPE, UFPI), facilitando pesquisas de docentes e discentes da área arqueológica de São Raimundo Nonato, onde recebem treinamento teórico e prático. Hoje, teses e dissertações em diversas áreas do conhecimento são consequência de convênios firmados com a FUDHAM, hoje, teses e dissertações em diversas áreas do conhecimento são consequências esclarece Martim. (MARTIN 2008, p. 44).

Portanto, a área arqueológica de São Raimundo Nonato do Piauí é uma região que contém diversos sítios arqueológicos que testificam que muitos anos antes da chegada dos portugueses as terras brasileiras essas regiões já existiam povos que ali habitavam, a prova é de tamanha importância é o fato de esta região ter se tornado patrimônio da UNESCO.

1.4 Pequenos relatos do trabalho de Niéde Guidon

A respeito do trabalho da doutora Guidon, Beuttenmuller diz que já vem sendo desenvolvido a cerca de 30 anos no sítio arqueológico mais antigo do Brasil que fica no município de São Raimundo Nonato, Serra da Capivara e o sítio de Pedra Furada no Piauí. Fez grandes descobertas tais como as fogueiras que datam mais de 50 mil anos. Niéde Guidon promoveu também projetos de escavações e interpretações em abrigos com registros rupestres, bem como em sítios lito-cerâmicos e grutas calcárias sem pinturas, embora com indícios de ocupação humana. Estas pesquisas possibilitaram o desenvolvimento de sua tese de Doutorado na França. (BEUTTENMULLER, 2002).

Nestas regiões existia uma grande número de sítios, com pinturas, gravuras e nas escavações encontramos sempre sepulturas. Inclusive, um sítio que ainda não teve sua escavação terminada, começamos em 2003 e já encontramos vinte e cinco sepulturas. São sítios preciosos para a arqueologia brasileira. Infelizmente eles estão na zona de calcário, e durante uns vinte anos esse calcário foi explorado ilegalmente para fazer cal. Quebravam o calcário, punham em fornos, cortavam muita madeira, o que causou um grande desmatamento, para queimar esse calcário. O interessante é que o calcário é o mármore negro; todos conhecem o preço do mármore negro. Queimam madeira de lei que também é de alto valor e produzem a cal que um produto de baixíssimo valor. O problema principal se deu cerca de cinco anos atrás, quando alguém encontrou um fornecedor de diamante. O trabalho que era feito à mão (um trabalho que era feito em regime de escravidão, porque só ganhavam a comida), passou a ser feito com diamante. Dai, então, é que o problema se colocou porque eu havia sempre tentado parar esse trabalho sem ter conseguido. Eu tinha feito um entendimento com os trabalhadores de que eles não iriam queimar as figuras e, durante cerca de uns dez anos, respeitaram as figuras, Mas, depois, com a dinamite, eles não tinham nenhum controle da explosão e muitos sítios foram destruídos e muitos trabalhadores perderam a mão, perderam o braço. Então, nós conseguimos, com o apoio do IBAMA e do IPHAN, que a Procuradoria da República viesse até aqui, visse a situação, os fiscais do Ministério do Trabalho vieram e essa exploração foi suspensa. Entretanto, a cada semana, a cada quinze dias, temos que dar uma passada por lá porque tem sempre alguém que está lá no fundo, escondido, tentando de novo retomar essa exploração. (GUINDON, Parque Nacional Serra da Capivara: sítios rupestres e problemáticos. Disponível na internet http://www.fumdham.org.br/fumdhamentos5/artigos/Niede_Guidon.pdf. Acessado em 10/ 06/ 2013).

Niéde Guidon é uma das grandes responsáveis de importantíssimas escavações São Raimundo Nonato, Serra da Capivara e o sítio de Pedra Furada no

Piauí. Onde evidenciou três períodos básicos de ocupações onde foram agrupados em três fases: Fase da Pedra Furada, do pleistoceno, Fase Serra Talhada, do holoceno, e uma última ocupação, iniciada a partir de 6.000 anos BP (antes do presente), denominada Fase Agreste, constatada pela chegada de novos grupos étnicos, caracterizados por técnicas e temáticas rupestres diferentes. (MARTIN 2008, p.98)

Desta forma, pode-se afirmar que a referida arqueóloga conferiu relevante contribuição para as pesquisas e descobertas realizadas na área arqueológicas de São Raimundo Nonato do Piauí, sendo que Niéde Guindon possui fama internacional.

Suas pesquisas de campo estão concentradas no Sudeste do Piauí (Parque Nacional da Serra da Capivara, desde 1970), cujos trabalhos estão revolucionando a teoria clássica do Povoamento da América. Ao nível de academia brasileira Niéde Guindon é professora visitante da Universidade Federal de Pernambuco. Em Pernambuco conta com a colaboração e com a equipe de Gabriela Martin que por sua vez é responsável pela formação grande numero de “pesquisadores- docentes, aos níveis de Mestrado e Doutorado” e por projetos de Vanguarda em Arqueologia Pré-História do Nordeste, em especial Pernambuco e na região Arqueológica da Serra do Seridó (Rio Grande do Norte e Paraíba). Alves. Teorias, Métodos, Técnicas e Avanços Na Arqueologia Brasileira. (ALVES, Teorias, Métodos, Técnicas e Avanços Na Arqueologia Brasileira. Disponível na internet via http://scholar.google.com.br/scholar?Start=10&q=+as+descobertas+arqueologicas+de+niede+guidon+&hl=PT-BR&as_sdt=0. Acessado dia 16/05 /2013).

Por fim, pode-se perceber que doutora Niéde Guindon tem só contribuído na realização de novas descobertas arqueológicas na região nordestina do país.

1.5 A pintura Rupestre Brasileira

Os registros rupestres brasileiros de modo geral, podem ser encontrados nos mais variados sítios arqueológicos especialmente na região nordeste, consistir em representações gráficas que testemunham acerca do modo de vida dos primeiros grupos que povoaram o país há muitos séculos.

Os grafismos puros, aqueles desprovidos de traços que permitem identificá-los com uma representação material de nosso universo sensível, são majoritários. O traço marcante da tradição é o fato de que esses grafismos podem estar agenciados, representando ações. Os temas destas ações podem ser reconhecidos, na maioria dos casos, estando ligada a técnica de subsistência e atividades cotidianas ou cerimoniais. Em outros casos o tema

não é identificável, mas com frequência trata-se de posturas e gestos que poderiam ser ligados ao sistema simbólico. (VIDAL 1992, p. 23)

A pintura rupestre do Parque Nacional da Serra da Capivara dá encadeamentos teóricos, por possuírem, uma imensa riqueza visual destacam-se as figuras que representa animais e plantas.

O apogeu das obras rupestres da tradição Nordeste ocorre por volta de 10 mil anos atrás, coincidindo com o mais alto grau de qualidade técnica da indústria de pedra lascada na região. A evolução do primeiro período se manifesta em uma diversificada temática e em uma complexidade dos agenciamentos na representação das ações, segue-se um período no qual, junto aos componentes essenciais da ação, aparecem outros de caráter secundário no plano de compreensão de atividades. Assim, no primeiro período, “as representações de atividades de caça comportam figuras de caçadores e animais, e as representações sexuais tem dois parceiros”. (VIDAL 1992, p. 24)

Vidal diz que através das pinturas rupestre é possível reconhecer diversos aspectos da vida destes grupos humanos que se estabeleceram nesta região. Reconhecendo que seu cotidiano era cercado por animais e plantas e que os mesmos tinham crenças religiosas e que realizavam cerimônia e rituais funerários. As primeiras manifestações estilísticas aparecem há 12 mil anos em diversos abrigos entre rochas localizados e um desfilamento estreito que constitua, até 1978, a única estrada que ligava dois municípios atravessando a Serra da Capivara. Nesta região apareceram registros rupestres pintados em ocre. (VIDAL, 1992).

2. PROJETO DE APLICAÇÃO

A proposta de trabalhar a pintura rupestre dentro do contexto escolar está baseada na “Proposta de Ensino Triangular” de Ana Mae Barbosa, que consiste em “leitura, contextualização e fazer artístico”.

A Proposta triangular resgata a criação contida nas etapas do fazer e do ler obras de arte ampliadas através da compreensão histórica. No dizer de Barbosa (2002), o foco na contextualização “é central na educação contemporânea, seja ela baseada em Freire, Vygotsky, Apple” ou genericamente construtivista. Se não se exercita a contextualização, ocorre-se o risco de que, do ponto de vista da arte, a pluralidade cultural se restrinja a uma abordagem aditiva. Embora a história da arte seja um componente da aprendizagem da arte, Barbosa refere-se a este eixo sempre como contextualização, porque esta pode ser não só histórica, mas também antropológica, biológica, ecológica, geográfica, psicológica e social. Noutros termos, associa-se o pensamento a um vasto conjunto de saberes, disciplinares ou não. (Carvalho e Almeida, apud BARBOSA, 1998).

Leitura da obra de arte é um questionamento, é a busca a descoberta, é o despertar da capacidade crítica, numa redução dos alunos a receptáculos de informações do professor por mais inteligentes que eles sejam. “A educação cultural que se pretende com a Proposta Triangular é uma educação crítica do conhecimento construído pelo próprio aluno, com a mediação do professor, acerca do mundo visual e não uma educação bancária”. (BARBOSA 1998, p. 40).

Assim, este trabalho propõe melhorias no aprendizado artístico na sala de aula primeiramente os alunos devem ter seu primeiro contato através das imagens rupestres. No primeiro momento eles irão observá-las e tecer suas primeiras impressões acerca delas. Em seguida, o professor irá contextualizar as obras

escolhidas dizendo a que data pertence, onde estão localizadas e o que simbolizam afim de que a compreensão dos alunos seja ampliada. No terceiro momento o professor deverá propor a produção de desenhos dentro da perspectiva rupestre.

Plano de Aula

Professora: Mirlândia Alves Fontenele

Instituição: Escola de Ensino Fundamental “Plácido de Castro”.

Série: Programa de aceleração, Projeto Poronga.

Tema: Pintura Rupestre Brasileira.

Carga horária: 03 horas aulas.

Data: 12/ 06/ 2013.

Objetivos

- Apresentar a pintura rupestre brasileira;
- Levar os alunos a observarem as pinturas rupestres brasileiras;
- Contextualizar a arte rupestre brasileira
- Fazer uma releitura da arte rupestre brasileira e produzir desenhos rupestres.

Material didático

- Slide com uma breve síntese sobre o que é a pré-história brasileira bem como as produções artísticas deste período;
- Data show, para apresentar as imagens e um vídeo sobre os sítios arqueológicos, onde estão localizadas as imagens;
- Giz de cera;
- Lápis preto;
- Giz branco;
- Quadro negro;
- Papel A 4;
- Câmera fotográfica.

Desenvolvimento

1ª Etapa

Antes de introduzir as imagens da pintura rupestre brasileira, neste momento aguçe suas curiosidades tais como, o que é pré-história? Como e onde viviam os

homens primitivos? Como eram as suas pinturas? Já ouviram falar sobre a pré-história brasileira? Quais os materiais usados para fazer os desenhos na pré-história? Estes questionamentos darão aos alunos uma noção sobre o conteúdo que será abordado.

2º Etapa

Neste momento será descrita a atividade prática que os alunos irão realizar. Contudo, antes da realização da atividade será mostrado um slide a pré-história e as pinturas rupestres brasileiras feitas pelos primeiros grupos humanos.

3º Etapa

Este é o momento será dedica à leitura e a contextualização das imagens. Os estudantes terão a oportunidade de expor suas ideias sobre as imagens que acabaram de ver.

4º Etapa

Como base as pinturas pré-históricas os alunos receberão papel A4 e giz de cera pra improvisar suas reproduções, nas atividades práticas para despertar o interesse do aluno de um modo mais integrador mostrando que a arte nem sempre está vinculada com a estética.

3. ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS APLICADAS DENTRO DE SALA DE AULA

A realização do projeto possibilitou conhecimento e criatividade a respeito do homem pré-histórico brasileiro.

A aula foi realizada na Escola de Ensino Fundamental Plácido de Castro, no dia 12 de junho de 2013, na turma do Projeto Poronga tele sala 2, no período vespertino com o numero de 23 alunos na faixa etária entre 14 e 16 anos. A escolha da turma se deu pelo fato de que era possível realizar aula teórica e prática em um único dia. Para a comprovação destes relatos foram feitos registros fotográficos do desenvolvimento da lição em momentos de ensino e aprendizagem.

Para início a aula foi feito uma pequena abordagem do projeto, em seguida dar continuidade foi feitos alguns questionamentos, o que é pré-história? Como e onde os homens primitivos viviam? Como eram as pinturas? Já ouviram falar sobre a pré-história brasileira? Quais os materiais usados para fazer desenhos na pré-história?

Foram expostos no quadro negro alguns desenhos feitos com giz branco, abordando algumas imagens que seriam trabalhados em sala.



Figura 03: Problematização.
Fonte: Arquivo pessoal, Mirlândia Alves, 2013.

Foi transmitido através da data show o slide, que contribuiu na formação de novos conhecimentos a turma, expondo um pouco das imagens e um pouco da história de cada representação ali exibida.



Figura 04: Material de apoio.
Fonte: Arquivo pessoal, Mirlândia Alves, 2013.

Após a exibição do slide foi realizado um pequeno debate sobre a forma de vida dos primeiros grupos humanos que habitaram o Brasil por séculos. Após as observações e as opiniões dos educandos foi proposta uma recriação dos desenhos pré-históricos.



Figura 05: Maria Aldilene
Fonte: Arquivo pessoal, Mirlândia Alves, 2013.

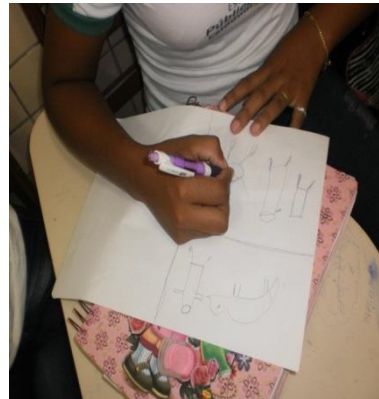


Figura 06: Maria Celine.
Fonte: Arquivo pessoal, Mirlândia Alves, 2013.



Figura 07: Rocinei.
Fonte: Arquivo pessoal, Mirlândia Alves.

Figura 08: Adriana.
Fonte: Arquivo pessoal, Mirlândia Alves.



Figura 09: Maria de Jesus.
Fonte: Arquivo pessoal, Mirlândia Alves, 2013.

Figura 10: Diana
Fonte: Arquivo pessoal, Mirlândia Alves, 2013.



Figura 11: Nazaré.
Fonte: Arquivo pessoal, Mirlândia Alves, 2013

Figura 12: Alunos.
Fonte: Arquivo pessoal, Mirlândia Alves, 2013.

Durante a aula não foi deixado de lado à importância do tema abordado pintura rupestre para a humanidade. As apresentações foram feitas individualmente onde, cada um fez um pequeno comentário de seus trabalhos. Diante do exposto através das imagens percebe-se através das imagens que os alunos não buscaram a essência da perfeição assim como o homem pré-histórico brasileiro.

Os alunos realizaram a atividade prática conforme planejado, no início alguns tiveram estranhamentos, por acharem um assunto sem importância para ser trabalhado. Após as devidas explicações todos ficaram muito atentos a cada detalhe esquecendo a estética que segundo os alunos achavam que deveria conter.

No entanto, a contextualização das imagens foi uma forma mostrar a importância que existe em preservar e conhecer um pouco da história de grupos humanos que por aqui já passaram, mas, que deixaram sua marca em grutas e cavernas que fazem parte de nosso patrimônio histórico.

3.1 Relação da aplicação com a proposta triangular

A metodologia aplicada na sala de aula pode ser relacionada com as propostas triangulares de Ana Mae Barbosa. Como a mesma fala em seu livro “ A imagem no ensino da arte” pagina 4 (...) Arte não é enfeite. A arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo, arte representa o melhor trabalho do ser humano.

Entretanto, a aplicação foi desenvolvida em três ações envolvendo o ato de fazer, ler e contextualizar, tendo como apoio o questionário executado onde os alunos responderam as seguintes questões:

- Alunos preferem aprender através de qualquer processo que seja diferente ao tradicional?
- O que você pensa a respeito do ensino artístico através das manifestações artísticas, como por exemplo: desenhos rupestres?
- Se você tivesse a oportunidade de participar desta modalidade do ensino artístico novamente, o que você gostaria de fazer?

Diante disso, surgiram relatos bem interessantes como o da aluna Maria Eldilene de 15 anos “Gostei da aplicação do projeto por ser algo diferente dentro da sala de aula. Por que através desses desenhos rupestres sabemos um pouco dos povos que viveram a milhares de anos atrás. Gostaria que continuasse tendo aula dessa forma por que adoro desenhar, pintar assim como eles hoje descobri que existem muitas formas de pintar”.

Outro relato muito interessante é do aluno José Ivo Junior de 15 anos e é deficiente físico sua deficiência localiza-se em suas pernas mesmo assim não o impede de se locomover. Ivo diz “aprendi hoje de uma forma diferente das de

costume, e através do ensino artístico podemos aprender muitas coisas como a Matemática, português, geografia, e outras. Eu gostaria de fazer este mesmo assunto com outro material e mostrar a capacidade de todos nós”.

A estudante Taís da Cruz de 16 anos diz “eu gostaria de fazer vários desenhos às cavernas só para as pessoas saberem como eu aprendi sobre pintura rupestre”

Todos os relatos foram impressionantes e gratificantes como o da jovem Auricélia Lima de 16 anos, “eu gostaria de fazer uma peça teatral e continuar com as pesquisas, por que foi um trabalho legal que eu nunca tinha estudado sobre o assunto. Enfim foi muito legal e cada vez aprendemos mais”.

Portanto, é possível fazer do ensino artístico um ato de aprender prazerosamente e satisfatória.

A proposta triangular é construtivista, interacionista, dialogal, multiculturalista e é pós-moderna por tudo isto e por articular a arte como expressão e como cultura na sala de aula, sendo esta articulação o denominador comum de todas as propostas pós-modernas do ensino da arte que circulam internacionalmente na contemporaneidade. (BARBOSA 1998, p. 41)

Portanto, é possível fazer do ensino artístico um ato de aprender prazerosamente e satisfatória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concretização desta pesquisa proporcionou conhecimentos a respeito dos primeiros grupos de pessoas que originaram uma rica herança onde pode ser encontrados em muitos sítios arqueológicos como o de São Raimundo Nonato no Piauí. Observa-se que as artes rupestres não são apenas linhas e rabiscos.

Portanto, a arte rupestre deve ser trabalhada não só por que faz parte do fazer artístico, onde possibilita aos educandos conhecer um pouco deste período e em que nossos ancestrais que por aqui passaram.

Os resultados obtidos em sala de aula foi muito gratificante e enriquecedor, desde a maneira que os alunos receberam até seus comentários a respeito da temática. Foram os pequenos detalhes que foram observados fizeram com que os educandos compreendessem a importância de tal assunto e suas principais características.

Pode se relacionar esta aplicação em sala de aula com a Proposta Triangular onde pode ser trabalhada segundo Barbosa, a criação (fazer artístico), leitura da obra e a contextualização.

Um ponto muito importante da execução desta pesquisa foi a não existência da disciplina de Artes na turma em questão do projeto Poronga, a nota de artes é dada através de projetos aplicados de outras disciplinas, por meio de desenhos, danças e peças teatrais. Somente assim que os educandos são avaliados bimestralmente, onde fica mais ainda comprovada a importância da formação de um arte/educador na sala de aula.

Tendo em vista segundo Ferraz e Fusari citam em seu livro Metodologia no Ensino da Arte no dizer de Barbosa que "(...) antes de ser preparado para explicar a importância da arte na educação, o professor deverá estar preparado para entender e explicar a função da arte para o indivíduo e a sociedade". "O papel da arte na educação é grandemente afetado pelo modo como o professor e o aluno veem o papel da arte fora da escola". (...) A arte não tem importância para o homem somente como instrumento para desenvolver sua criatividade, sua percepção etc., mas tem importância em si mesma, como assunto, como objeto de estudos. (FERRAZ E FUSARI, apud Barbosa 1999, p. 16).

Tendo em vista a problemática é verídico que dentro do contexto escolar há certa carência de se trabalhar o Ensino da Arte, por falta de preparação profissional. Sabendo que a arte capacita o ser humano a expor suas ideias e renovações em diferentes assuntos trabalhados dentro de sala de aula.

No entanto, vivenciar o ensino da arte faz com que o indivíduo reflita e participe ativamente de uma aprendizagem onde estão à forma de "gostar, admirar,

apreciar e julgar”. Isso tudo faz parte da aprendizagem que cada cidadão deve ter dentro da educação escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Célia Maria de Castro Célia Maria de Castro. Comunicação a Proposta Triangular para o Ensino de Arte: Concepções e Práticas de Estudantes-Professores/as. Disponível na Internet no site: http://aaesc.udesc.br/confaeb/comunicoes/elisa_muniz_barreto_de_carvalho_e_celia.pdf . 2012. Acessado em 10/ 06/ 2013.

ALVES. Teorias, Métodos, Técnicas e Avanços Na Arqueologia Brasileira. Disponível em: http://scholar.google.com.br/scholar?Start=10&q=+as+descobertas+arqueologicas+d e+niede+guidon+&hl=PT-BR&as_sdt=0. Acessado dia 16/05 /2013.

BARBOSA, Ana Mae. Tópicos e Utópicos. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

_____. A Imagem no Ensino da Arte. São Paulo, 2008.

BECKETT, Wendy. História da Pintura. São Paulo. Ártica 1997.

BEUTTENMULLER, Alberto Frederico Viagem pela Arte Brasileira. São Paulo: Aquariana, 2002.

CARVALHO, Elisa Muniz Barreto de. Comunicação a Proposta Triangular para o Ensino de Arte: Concepções e Práticas de Estudantes-Professores/as. http://aaesc.udesc.br/confaeb/comunicoes/elisa_muniz_barreto_de_carvalho_e_celia.pdf . 2012. Acessado em 10/ 06/ 2013.

CUNHA, Manuela Carneiro. História dos Índios no Brasil. Campanha de Letras Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

DECONTO, Neuza Maria. Educação, Arte e Movimento. Brasília; Universidade de Brasília, 2007.

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. Metodologia do Ensino de Arte. São Paulo. Cortez, 1999.

FILHO, Battistoni Duílio. Pequena História da Arte. Campinas SP, Papirus, 1989.

GOMBRICH. E.H. A História da Arte. LTC. Rio de Janeiro, 1999.

GUINDON, Niéde. Parque Nacional Serra da Capivara: sítios rupestres e problemáticos.
http://www.fumdam.org.br/fumdhamentos5/artigos/Niede_Guidon.pdf. Acessado em 10/ 06/ 2013.

LANGER, S.R. Ensinos Filosóficos. São Paulo: Cultrix, 1971.

MARTIN, Gabriela. Pré-história do Nordeste do Brasil. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

PROUS, André. O Brasil antes dos Brasileiros: pré-história de nosso país. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

VIDAL, Lux. Grafismos Indígenas. Estudos de Antropologia Estética. São Paulo. Estúdio Nobel. Universidade de São Paulo, 1992.

Anexos

Plano de Aula

Professora: Mirlândia Alves Fontenele

Instituição: Escola de Ensino Fundamental “Plácido de Castro”.

Série: Programa de aceleração, Projeto Poronga.

Tema: Pintura Rupestre Brasileira.

Carga horária: 03 horas aulas.

Data: 12/ 06/ 2013.

Objetivos

- 3 Apresentar a pintura rupestre brasileira;
- 4 Levar os alunos a observarem as pinturas rupestres brasileiras;
- 5 Contextualizar a arte rupestre brasileira
- 6 Fazer uma releitura da arte rupestre brasileira e produzir desenhos rupestres.

Material didático

- Slide com uma breve síntese sobre o que é a pré-história brasileira bem como as produções artísticas deste período;
- Data show, para apresentar as imagens e um vídeo sobre os sítios arqueológicos, onde estão localizadas as imagens;
- Giz de cera;
- Lápis preto;
- Giz branco;
- Quadro negro;
- Papel A 4;
- Câmera fotográfica.

Desenvolvimento

1ª Etapa

Antes de introduzir as imagens da pintura rupestre brasileira, neste momento aguce suas curiosidades tais como, o que é pré-história? Como e onde viviam os homens primitivos? Como eram as suas pinturas? Já ouviram falar sobre a pré-história brasileira? Quais os materiais usados para fazer os desenhos na pré-história? Estes questionamentos darão aos alunos uma noção sobre o conteúdo que será abordado.

2º Etapa

Neste momento será descrita a atividade prática que os alunos irão realizar. Contudo, antes da realização da atividade será mostrado um slide a pré-história e as pinturas rupestres brasileiras feitas pelos primeiros grupos humanos.

3º Etapa

Este é o momento será dedica à leitura e a contextualização das imagens. Os estudantes terão a oportunidade de expor suas ideias sobre as imagens que acabaram de ver.

4º Etapa

Como base as pinturas pré-históricas os alunos receberão papel A4 e giz de cera pra improvisar suas reproduções, nas atividades práticas para despertar o interesse do aluno de um modo mais integrador mostrando que a arte nem sempre está vinculada com a estética.